



O popular e os movimentos sociais tecendo cenários sobre a recepção radiofônica¹

Alexania Rossato²

Prof^a. Dr^a. Veneza Mayora Ronsini³

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

O artigo apresenta os conceitos sobre os estudos culturais e aponta para a recepção radiofônica por integrantes do Movimento dos Atingidos por Barragens, considerando-os como uma audiência ativa que produz significado em sua interação social. Os limites dessa produção não são dados só por razões individuais, mas em um cenário sócio-cultural específico. Portanto, partimos do princípio de que a cultura popular e o movimento social são os mediadores da recepção na região de abrangência da Usina Hidrelétrica Barra Grande. As conclusões parciais apontam que pelo viés gramsciano é possível reconhecer entre as classes populares o poder de resistência frente à hegemonia das empresas construtoras da barragem e das emissoras de rádio locais, mas também existem aceitação e reconhecimento das mesmas.

Palavras-chave

Cultura Popular; Movimentos Sociais; Recepção Radiofônica.

Introdução

Se existem temas dentro das ciências sociais e humanas difíceis de tratar, estes temas são os que se referem ao estudo das classes sociais, principalmente das classes subalternas. Não são difíceis para a contextualização teórica ou para o levantamento de dados empíricos, aliás, neste caso os dados são fartos e se multiplicam no campo e nas cidades com o desenvolvimento do capitalismo. Afirmo que são temas difíceis usando a expressão como sinônimo de ‘temas com abordagem delicada’ tendo presente que no mundo contemporâneo o conceito de classes sociais está sendo deixado de lado também pela maioria dos pesquisadores, principalmente em se tratando de resistência das classes populares, ou subalternas, para usar a expressão gramsciana.

¹ Trabalho apresentado ao GT de Práticas Sociais de Comunicação, do VIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Bacharel em Jornalismo pela UFSM e aluna do Curso de Mestrado em Comunicação da mesma universidade. E-mail: alexaniar@yahoo.com.br

³ Professora Adjunta do Departamento de Ciências da Informação da UFSM, mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP e doutora em Sociologia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. E-mail: roma5@terra.com.br



No entanto, proponho o desenvolvimento deste artigo abordando exatamente isso, compreendendo como se dá a recepção do rádio por integrantes do Movimento dos Atingidos por Barragens num contexto de luta com empresas construtoras de barragens. E mesmo insuficiente para explicar integralmente os fenômenos sociais, para mim, a noção de classe social será fundamental, visto que o que está em jogo na região de análise é o poder de uma empresa norte-americana e outras de capital nacional e o poder da organização de camponeses pobres, competindo pelo poder simbólico e econômico.

É válido esclarecer desde já que não se trata apenas de uma luta simbólica, mas uma luta que passa pela organização efetiva de grupos de agricultores que elaboram estratégias concretas de defesa dos interesses de classe. Esses agricultores estão organizados no MAB⁴, um movimento social contemporâneo no cenário brasileiro e que hoje atua também na divisa entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul, na região conhecida como Campos de Cima da Serra, onde foi construída a Usina Hidrelétrica Barra Grande, local de minha pesquisa.

A escolha do rádio é proposital, pois é com este veículo local - e não com veículos de abrangência regional ou estadual, como a RBS TV, Zero Hora ou Diário Catarinense - que as empresas acionistas da usina mantêm contato, financiam e divulgam propagandas. Aliás, a intervenção na mídia por empresas construtoras de barragens pelo Brasil afora quase sempre é uma intervenção local e neste caso não foge à regra. Outro motivo para abordarmos o rádio é a proximidade deste com os camponeses, pois a grande maioria das pessoas não tem acesso à imprensa escrita e o acesso à televisão, quando acontece, é com o sinal das emissoras nacionais fornecido por antenas parabólicas, o que impede que o sinal das emissoras regionais chegue até as famílias.

O destaque do texto cabe à compreensão do âmbito do popular na recepção radiofônica, pois o popular, diz Escosteguy (2001, p.120), “é o lugar a partir do qual pode-se pensar o processo comunicativo, é uma matriz cultural vista como mediação para estudar a comunicação, localizada entre os meios e as práticas cotidianas”. Para isso dialogo com os autores Nestor Garcia Canclini, Stuart Hall e Tony Bennett, e com eles sustento os conceitos que envolvem as noções de classe e cultura popular. Além disso, descrevo aspectos do movimento em questão para revelar a classe social a qual pertencem seus integrantes.

⁴ MAB é a sigla usual para designar o Movimento dos Atingidos por Barragens.



Os conceitos referentes aos estudos de recepção provêm principalmente de Jesús Martín-Barbero e Guillermo Orozco Gómez, mas também são frutos dos debates que desenvolvemos na linha de pesquisa Mídia e Identidades e Contemporâneas, do curso de Mestrado em Comunicação da UFSM, a partir da leitura de Ronsini, Jacks, Escosteguy, entre outros autores que pesquisam a recepção.

Cabe esclarecer que este estudo é parte da pesquisa para a dissertação de mestrado que vem sendo desenvolvida, portanto não me atenho ainda aos dados empíricos, dou ênfase às referências teóricas que são os lastros para a ida a campo e que revelam o interesse dos estudos culturais pelo entendimento do modo de vida das classes subalternas.

O popular e a cultura nos estudos de Comunicação

A matriz teórica para os estudos de comunicação nos quais esta pesquisa se enquadra são os estudos culturais, com origem na Inglaterra, nos anos 50 do século 20⁵. De lá para cá novas idéias se incorporaram e outros pesquisadores, como os latino-americanos, contribuíram com este campo interdisciplinar de investigação que,

visando ao estudo de aspectos culturais da sociedade, não constitui uma nova disciplina, mas resulta da insatisfação com algumas disciplinas e seus próprios limites. É um campo de estudos em diversas disciplinas que se interseccionam no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea, constituindo um trabalho historicamente determinado. (Escosteguy, 2001, p.28)

Fruto dessa vertente, o texto de Richard Hoggart, *The Uses of Literacy*, que em 2007 completa 50 anos, é atual e permanece sendo base para estudos que se dedicam às classes subalternas⁶. Hoggart trata da vida cultural da classe trabalhadora inglesa e seu foco de atenção recai sobre materiais culturais, antes desprezados, da cultura popular e dos meios de comunicação de massa. Segundo Ana Carolina Escosteguy (2001, p. 22), este trabalho inaugura o olhar de que no âmbito popular não existe apenas submissão, mas também resistência.

É por este viés que o aporte gramsciano com o conceito de hegemonia é fundamental para entender o jogo de poder, simbólico e econômico, que se estabelece

⁵ Esta corrente de pesquisa nasceu no Centro para Estudos Culturais Contemporâneos nasce na década de 50, em Birmingham, Inglaterra. Hoje é chamado Departamento de Estudos Culturais e Sociologia.

⁶ Classe subalterna no entendimento gramsciano não é sinônimo de classe de trabalhadores submissos, como a primeira vista dá a entender. Significa classe de trabalhadores que não ficam a mercê de sua situação e buscam melhorias nas condições sociais, econômicas e culturais de vida.



entre os camponeses-subalternos e as empresas acionistas da UHE⁷ Barra Grande, que detém grande poder sobre as rádios locais. Por Gramsci, é possível reconhecer que entre as classes populares existem iniciativas e poder de resistência, mas sempre dentro da interação contraditória com os grupos hegemônicos, pois

a hegemonia nos permite pensar a dominação como um processo entre sujeitos onde o dominador intenta não esmagar, mas seduzir o dominado, e o dominado entra no jogo do dominador porque parte dos seus próprios interesses está dita pelo discurso do dominador (Martín-Barbero apud Escosteguy, 2001, p. 99).

Vale esclarecer que com os estudos culturais a questão fundamental é o envolvimento da cultura na interação entre meios, mensagem e audiência ao questionar de que maneira a cultura intervém na formação dos processos comunicacionais concretos. Dessa forma, a preocupação está em entender como o processo de comunicação acontece a partir da cultura camponesa e das suas relações com o entorno social. Assim, entendemos cultura como sendo

a produção de fenômenos que contribuem, mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social, ou seja, a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido. (García Canclini, 1983, p.29)

A noção de cultura de García Canclini vai ao encontro do que busca esta pesquisa, pois para nós a cultura camponesa, como prática cotidiana, e o MAB, como organização que congrega os sujeitos da análise, são os responsáveis pela administração, renovação e reestruturação do sentido midiático, dentre outros aspectos da vida dessas pessoas.

Escosteguy (2001, p.26) diz que “com os estudos culturais o conceito de cultura alargou-se, se comparado ao que vinha sendo usado até então, pois incluiu práticas e sentidos do cotidiano, o que proporcionou uma segunda mudança importante onde todas as expressões culturais devem ser vistas em relação ao contexto social das instituições, das relações de poder e da história”. Ou seja, é num contexto social de conflito entre o poder das empresas e o poder de mobilização social dos camponeses que devemos compreender como as expressões culturais administram, renovam e reestruturam o sistema de valores e o universo de sentido que desemboca também no sentido atribuído ao conteúdo radiofônico.

⁷ Convencionou-se usar a sigla UHE para designar Usina Hidrelétrica.



Muitos teóricos dissertaram sobre a cultura popular, classe popular e classe subalterna, no entanto nem sempre temos clareza de quão sinônimas são estas expressões e qual o nivelamento que se estabelece entre os sujeitos e/ou organizações para que os consideremos com iniciativas positivas frente ao hegemônico. Para termos mais elementos e ponderarmos sobre o popular a fim de compreendermos a postura dos integrantes do MAB como receptores radiofônicos, vamos dialogar com alguns autores que conceituam a respeito disso.

Mesmo correndo o risco de reduzir a cultura popular ao âmbito do político, afirma Escosteguy, a definição de cultura popular de Stuart Hall deriva sua força da categoria hegemonia, a qual implica pensar o popular em termos de relações entre classes:

A cultura popular é um dos espaços onde ocorre a luta a favor ou contra uma cultura dos poderosos: é também um jogo a ser ganho ou perdido nessa luta. É a arena do consentimento e da resistência. É parcialmente onde a hegemonia surge e onde ela é assegurada. (Hall apud Escosteguy, 2001, p.116)

Para nos apropriarmos um pouco mais da contribuição de Hall, consideramos que o termo ‘popular’ guarda relações muito complexas com o termo ‘classe’, mas não são absolutamente intercambiáveis, pois não existe uma relação direta entre uma classe e uma forma ou prática cultural particular. Hall é esclarecedor ao afirmar que

o termo popular indica o relacionamento entre a cultura e as classes um tanto deslocado. Mais precisamente, refere-se a aliança de classes e forças que constituem as classes populares. A cultura dos oprimidos, das classes excluídas: esta é a área a que o termo popular nos remete. O povo versus o bloco de poder: isto, em vez de classe contra classe, é a linha central da contradição que polariza o terreno da cultura. A cultura popular, especialmente, é organizada em torno da contradição: as forças populares versus o bloco de poder. (Hall, 2003, p.262)

No estudo sobre a recepção radiofônica na região de abrangência da UHE Barra Grande, a centralidade está exatamente no que fala Hall: a cultura popular é organizada em torno da contradição entre as forças populares – famílias organizadas no MAB, versus o bloco de poder – Consórcio Baesa. Neste mesmo sentido, Bennett afirma que

a cultura popular está em parte envolvida na luta pela hegemonia – e para Gramsci, os papéis desempenhados pela maioria dos aspectos culturais sedimentados da vida cotidiana estão crucialmente implicados nos processo por onde a hegemonia é disputada, vencida, perdida, resistida – e o campo dessa cultura está estruturado tanto pela tentativa da classe dominante em obter a hegemonia, quanto pelas formas de oposição a esse empreendimento. Como tal, ela não está constituída simplesmente por culturas espontaneamente de oposição, mas, ao invés, é uma área de negociação entre as duas dentro das quais estão misturados valores e



elementos ideológicos e culturais dominantes, subordinados e de oposição, em diferentes permutações. (apud Escosteguy, 2001, p.109)

Diferentemente de Hall e Bennett que pontuam em termos gerais, a contribuição de Nestor García Canclini para a compreensão da cultura popular é mais específica e aponta para o desenvolvimento de uma estratégia de investigação que abranja tanto a produção quanto a circulação e o consumo de bens materiais e simbólicos, mesmo assim sinaliza o contexto e os conflitos sociais: “o popular não pode ser fixado num tipo particular de produtos ou mensagens, porque o sentido de ambos é constantemente alterado pelos conflitos sociais” (1983, p.135). A isso acrescenta que as

culturas populares se constituem por um processo de apropriação desigual de bens econômicos e culturais de uma nação por parte dos seus setores subalternos, e pela compreensão, reprodução e transformação, real e simbólica, das condições gerais e específicas do trabalho e da vida, através de uma interação conflitiva com os setores hegemônicos. (1983, p.42)

García Canclini explicita que o uso do termo cultura subalterna é feito para sublinhar a oposição da cultura popular à cultura hegemônica e que a subalternidade está historicamente diferenciada, por um lado como estado sócio-econômico que a sufoca, e, por outro, como consciência de classe que a suscita.

Frente a estes autores fica claro que a cultura popular é fruto do conflito social e da luta pela hegemonia, num espaço onde ela é disputada, vencida, perdida, resistida. Eles falam da luta pela hegemonia pelas forças sociais numa arena de disputa, a cultura popular seria, então, este espaço simbólico de luta, ou, como diz Bennett, “uma área de negociação entre as duas, a classe popular e a classe dominante, dentro das quais estão misturados valores e elementos ideológicos e culturais dominantes, subordinados e de oposição, em diferentes permutações”.

O desafio então é identificar no espaço geográfico escolhido, permeado por vários elementos culturais, o espaço simbólico e econômico da luta pela hegemonia, que passa pelo rádio. E como nosso interesse está na recepção radiofônica pelos sujeitos que compõe o MAB, seguiremos na investigação dos elementos que fazem esta mediação.

O popular nos movimentos sociais

Depois de nos apropriarmos dos conceitos dos autores sobre cultura e classe popular, cabe agora reconhecer as relações de poder econômico e simbólico que se estabelecem entre os hegemônicos e os subalternos, dando ênfase aos elementos



presentes nos integrantes do Movimento dos Atingidos por Barragens, compreendendo-os na dimensão da luta, com consciência de classe, ou seja, que têm a dimensão de classe para si.

Frank e Fuentes (1989, p.32) dizem que “a luta de classe, em grande parte do terceiro mundo, continua e até se intensifica, mas toma forma e se expressa por meio de muitos movimentos sociais e que estas organizações são, principalmente, de classes populares”. Para tanto vamos do geral ao específico, ou seja, trilharemos o caminho que vai do surgimento dos movimentos sociais até a atuação do movimento em análise, passando pelo envolvimento dos movimentos sociais com a comunicação na América Latina. A relação das classes populares com o rádio é aprofundada no próximo tópico.

Já afirmamos que a noção de popular surge na América Latina junto com o início dos estudos culturais em função da importância dos movimentos sociais. No início dos anos 80, afirma Escosteguy, o debate sobre a modernidade, o horizonte marxista vigente e a questão da globalização obrigaram a repensar a trama teórica sobre os estudos culturais: “os deslocamentos com os quais se buscará refazer conceitual e metodologicamente o campo da comunicação virão do âmbito dos movimentos sociais e das novas dinâmicas culturais, abrindo dessa forma, a investigação para as transformações da experiência social” (Martín-Barbero apud Escosteguy, 2001, p.41).

Ainda segundo a autora (2001, p.160), “Martín-Barbero tem insistido em que os processos de comunicação devem ser abordados a partir da base dos movimentos sociais, em vez de partir de pressupostos sobre o próprio poder dos meios”. Naquela época Martín-Barbero já tinha presente a importância que os movimentos assumiriam num mundo onde a expansão do mercado capitalista, a sua reorganização monopolista e transnacional tende a fragilizar todas as condições de trabalho e bem estar social, levando a população pobre de países inteiros a permanecerem em estado de alerta. O desenvolvimento dessa atual crise em nível mundial gerou e está agravando a privação econômica, política, cultural e de identidade e também agravando o sentimento de injustiça de milhões de pessoas em todo mundo. Isso gera uma insatisfação e uma descrença no Estado e nas instituições políticas que têm o dever de defender e suprir os anseios básicos de sobrevivência do povo.

Se o Estado não é mais capaz de cumprir sua tarefa, surgem outras formas de resistência a essas situações. E as formas de resistência se concretizam nos movimentos sociais, protagonistas da organização popular. Então a importância de organizar pessoas que sofrem carências materiais neste período histórico que vivemos é incontestável.



Os principais fatores de mobilização são a privação, a opressão e a injustiça, mas “cada organização social não luta somente contra a privação, pois ao fazê-lo, também (re)afirma a identidade das pessoas envolvidas”, conforme expõem Frank e Fuentes (1989, p.21). Assim, grande parte da aceitação em participar da organização social vem da força moral de sua promessa de libertar seus participantes das privações sentidas nas suas necessidades materiais, status social e identidade cultural. Dentro disso é quase natural compreender os movimentos sociais do campo como organizações integradas pela classe subalterna, condicionada por situações de pobreza de ordem material.

Neste contexto, a participação nos movimentos sociais, além de significar um mecanismo de inclusão numa perspectiva que retoma a noção de cidadania⁸, dignidade e direitos, também significa a criação e o resgate de valores que aos poucos foram se perdendo nas trilhas da sociedade desumana e competitiva. Para Martín-Barbero (2001, p.12) “as nossas populações assimilam, com certa facilidade, as imagens da modernização e não poucas mudanças tecnológicas, porém somente muito lenta e dolorosamente recompõe seus sistemas de valores, de normas éticas e condições dignas de vida”.

As condições de pobreza ou subordinação ao capital não acontecem no nível do abstrato ou se revelam distantes da realidade do povo, mas são evidenciadas a cada dia e com mais agressividade. É o que acontece com as famílias que foram atingidas pela Usina Hidrelétrica Barra Grande⁹. Mais de 1500 famílias camponesas, descendentes de imigrantes alemães e italianos e de caboclos, que dependiam da terra para sobreviver foram expulsas pela água do lago formado por esta obra. O responsável legal pela UHE Barra Grande é o consórcio Baesa, nome que encobre, propositalmente, a fachada das empresas acionistas. São elas: Alcoa Alumínio S.A., com 42% das ações; CPFL Geração, com 25%; Camargo Corrêa Cimentos S/A, com 9%; Companhia Brasileira de Alumínio, com 15%; e DME Energética, com 9% das ações.

Grzybowski¹⁰ (apud Berger, 2003, p. 90) afirma que a organização dos agricultores no Brasil se deu em torno de quatro tipos de lutas, uma delas foi a luta

⁸ Compreende-se por cidadania o processo pelo qual as pessoas podem gozar dos direitos básicos.

⁹ Quanto aos seus aspectos logísticos, a barragem está localizada no vale do Rio Pelotas, afluente do rio Uruguai, seu muro tem 190 metros de altura e o lago formado inundou uma área de aproximadamente 8.140 hectares. Como o rio Pelotas faz divisa entre dois estados da federação, o órgão ambiental responsável pela concessão de licenças para a construção da obra é o Ibama. Ao todo, nove municípios são atingidos pela barragem: Cerro Negro, Anita Garibaldi, Campo Belo do Sul, Capão Alto e Anita Garibaldi do lado catarinense, e Pinhal da Serra, Esmeralda, Vacaria e Bom Jesus do lado gaúcho.

¹⁰ Autor de ‘Caminhos e descaminhos dos movimentos sociais no campo’, pela Editora Vozes, em 1990.



contra a expropriação pelos movimentos dos camponeses pela terra. Um dos movimentos dos quais fala Grzybowski é o Movimento dos Atingidos por Barragens.

Este movimento, portanto, foi quem congregou grande parte da população que ficou a mercê da especulação fundiária pelas empresas de capital nacional e estrangeiro. Para essas famílias a resistência iniciou em 1999 em virtude da concessão da Licença Prévia para o início da obra e foi graças aos momentos de confronto e conflito que a maioria delas conquistou lotes em reassentamentos coletivos¹¹. As que não possuíam o título da terra, meeiros ou arrendatários, permanecem sem nada até hoje, dois anos após o trancamento das comportas para a formação do lago.

A hegemonia do consórcio Baesa, no caso das indenizações, foi mantida pela poder econômico que detinha. Em situações de mobilização, as negociações e a quebra de braço eram constantes. A ocupação da obra ou dos escritórios pelos atingidos era a maneira que o povo tinha para pressionar e demonstrar organização; a retirada, muitas vezes, era a única forma de continuarem com as negociações, pois quem detinha o capital financeiro para os reassentamentos eram as empresas. Por outro lado, a sedução por parte do dominador, da qual fala Martín-Barbero, vinha pela cooptação de algumas pessoas com espírito de liderança dentro do movimento, desmobilizando-o. Esta cooptação era exercida por cargos oferecidos aos agricultores durante a construção da obra, por algum tipo de indenização especial e até por doação de dinheiro a algumas pessoas.

No entanto, a resistência permanecia e em certos momentos o conflito levou aos embates entre a polícia e os camponeses. “A polícia, a mando das empresas, foi a força repressora da organização popular, dizem que quando a cooptação não desmobiliza, a repressão deve desmobilizar”, afirmam os atingidos. A ligação entre a brigada militar de Santa Catarina e as empresas é estreita. Com recursos das empresas foram construídos o Batalhão da Polícia Militar, em Anita Garibaldi/SC, e o Quartel da Guarnição Especial da Polícia Militar, em Lages/SC¹² e como já houve inclusive prisões de militantes que protestavam para a garantia de seus direitos, as famílias reconhecem na polícia o braço armado do consórcio e não a segurança para a organização.

Mas ao invés da desmobilização das pessoas, o que se percebe é o fortalecimento da consciência de classe, que junto a outros instrumentos que o

¹¹ Os reassentamentos são áreas de terras adquiridas pelo consórcio para onde as famílias são relocadas. Na maioria das vezes as comunidades são de desintegradas o que ocasiona uma perda de valores culturais muito grande.

¹² Dados do Informativo Barra Grande (nº 2, de abril de 2006). Este boletim é produzido pelo consórcio Baesa e distribuído entre os municípios atingidos pela barragem.



movimento utiliza - como formação de grupos de base e formação política - leva o conjunto de pessoas envolvidas a desenvolverem uma identidade de projeto, conforme declara Manuel Castells: “quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de definir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social” (1999, p.24).

E a transformação da estrutura social passa também pela mudança na matriz energética brasileira. Isto é o que considero prioridade neste momento para o MAB, no que diz respeito ao diálogo com a sociedade brasileira. Esse debate acontece entre os integrantes do movimento - através da formação ideológica em cursos, assembléias, congressos - mas é também o momento em que os demais movimentos sociais se agregam a essa luta que não é só dos atingidos por barragens.

É também por este caminho que a luta pela hegemonia é travada, pois para o MAB, um dos grandes problemas da produção de energia por hidrelétricas hoje é para quem se destina a energia produzida. Os próprios atingidos afirmam que não são contrários à produção de energia, inclusive por hidrelétricas, assim como não são contrários ao desenvolvimento do país. O que se discute é o destino da energia elétrica, que hoje, com a privatização das grandes estatais no setor elétrico, está nas mãos de grandes empresas nacionais e estrangeiras.

Portanto, o problema dos atingidos por barragens, segundo o próprio MAB, não é somente social, mas político. Ou seja, eles não se sentem vítimas apenas da falta de terras com a inundação de suas propriedades, também são vítimas do modelo elétrico brasileiro, privilegiando as empresas e não o povo brasileiro. Um dos grandes questionamentos é com relação às empresas do setor de alumínio, aço e celulose (indústrias que mais consomem energia), que criam filiais destinadas à produção de energia. É o caso da Alcoa, acionista da UHE Barra Grande que detém a maior parte das ações. Há 40 anos no Brasil, ela é subsidiária da Alcoa Inc., líder mundial na produção e transformação do alumínio. Este contexto fica oculto e a própria empresa afirma produzir energia para o desenvolvimento do país. Na realidade, grande parte da energia produzida nas barragens tem destino certo: suas indústrias de alumínio, aço e celulose.

Como medida para amenizar o impacto negativo que a UHE Barra Grande causou entre os atingidos, o consórcio Baesa, em parceria com a Universidade de Caxias do Sul, organizou um DVD denominado *Barra Grande: Fronteiras* e uma publicação, com o nome *Fronteiras sem divisas: aspectos históricos e culturais da UHE*



Barra Grande. Um levantamento do patrimônio sócio-cultural da região muito bem feito e de uma produção de ótima qualidade. Uma crítica sem profundidade diria que lhes tiraram as terras e entregaram um livro e um vídeo, no entanto, o questionamento deve retornar à noção de hegemonia. O material produzido é mais um instrumento de permanecer dominando socialmente a região com a legitimação da comunidade, na medida em que esta, ao depor, não se coloca na posição de vítima da barragem, mas numa posição favorável e de bom grado para com os organizadores dos dois materiais.

A hegemonia também é disputada em boletins informativos de ambas as partes. O Informativo Barra Grande, do Consórcio Baesa, e o Informativo de Barra Grande, produzido pelo Movimento dos Atingidos por Barragens. O primeiro dando destaque para as iniciativas de responsabilidade social e para as obras de infra-estrutura que estão sendo construídas na região. O segundo, com as denúncias das ‘atrocidades’ cometidas pela empresa no tratamento às famílias atingidas, além de pautas de reivindicações. O jogo fica exposto e neste caso não é um enfrentamento corporal, mas de habilidades, de ambas as partes, em trabalhar a comunidade local em prol de um e contra o outro. A vitória do poder simbólico é de quem convence mais e melhor a respeito de sua causa.

Mas este é só um caso, outros tantos são postos no dia-a-dia, no conflito social instalado naquela região, carregada de traços culturais que nos remetem à luta pela terra, como no caso da Guerra do Contestado e do povoamento pelos tropeiros.

A recepção pelas classes populares

Depois de dissertarmos sobre o popular e o movimento social em questão, estamos aptos a tratar da noção de recepção, linha de estudo vinculada aos estudos culturais. Para tal, partimos do princípio de que a cultura popular e o movimento social são os mediadores da recepção radiofônica por parte dos atingidos pela UHE Barra Grande.

As observações e entrevistas feitas até agora junto às famílias que compõe o MAB permitiram perceber que, se por um lado, entre as rádios locais existe uma forte influência das empresas acionistas da usina, direcionando, inclusive a programação das rádios, por outro existe a resistência, mas também a aceitação - por parte dos atingidos pela barragem – tanto a esse conteúdo radiofônico como a forma de tratamento recebido pelas empresas.



Aqui faço mais uma vez a ligação com a posição de García Canclini, segundo ele

ambos os espaços, o da cultura hegemônica e o da cultura popular, são interpenetrados, de modo que linguagem particular dos operários e dos camponeses é em parte uma construção própria e em parte uma ressemantização da linguagem dos veículos de comunicação de massa e do poder político, ou um modo específico de alusão às condições sociais comuns a todos. Interação que ocorre, também, em sentido contrário: a linguagem hegemônica dos meios de comunicação de massa ou dos políticos, na medida em que pretende alcançar o conjunto da população, levará em consideração as formas de expressão populares. (1983, p.43)

Reforçamos então, que o nosso interesse está em compreender os processos culturais no âmbito do popular, valorado em sua “representatividade sociocultural e em sua capacidade de expressar o modo de viver e pensar das classes subalterna, as formas como sobrevivem e as estratégias através das quais filtram, reorganizam o que vem da cultura hegemônica e o integram e fundem com o que vem de sua memória histórica” (Martín-Barbero, 2001, p.117).

Assim, nos estudos de comunicação se faz necessária a relação entre o popular-massivo e o popular-memória e a importância disso está em reconhecer entre os integrantes do MAB a cultura sendo formada por ambos. Em entrevista com jovens e velhos percebemos que o aspecto geracional revela que existe uma lacuna entre as duas faixas etárias, os mais velhos tem recordações e estão presentes os aspectos históricos como o tropeirismo na região e a Guerra do Contestado, por exemplo. Já entre os jovens estes temas são pouco comuns, revelando que o avanço da mídia no cotidiano das pessoas fez com que essas histórias, que antigamente eram comuns, hoje não estão mais entre as rodas de histórias familiares. Ou seja, o popular-memória, com a memória das matrizes culturais permanece entre os velhos. A nossa suspeita é que entre os jovens do MAB é presente o popular-massivo, com a presença dos meios de comunicação, entre eles o rádio.

Em *Comunicação e Recepção*¹³, Ana Carolina Escosteguy e Nilda Jacks afirmam que

o uso social dos meios é uma concepção de Martín-Barbero para entender a relação entre receptores e meios, que parte do estudo das articulações entre as práticas de comunicação e os movimentos sociais, observando as diferentes temporalidades e as pluralidades de matizes culturais, constituindo-se, portanto, num possível desenvolvimento de sua formulação maior, a perspectiva das mediações. (2005, p.65)

¹³ JACKS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Comunicação e Recepção*. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

Deste modo, a recepção é vista como um processo de produção de sentido através das mediações, pelas comunidades de interpretação e este conceito parte de Orozco Gómez (1997, p.118). Segundo ele, “significa ‘un poco a la manera de Barbero’, o lugar de onde se dá o sentido”. Entender o significado de mediação se torna mais abrangente, e complexo, a partir de Martín-Barbero (2001, p.304). Para ele, as mediações são os lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural, ou seja, são os lugares que produzem sentido à recepção:

as mediações produzem e reproduzem os significados sociais, sendo o locus que possibilita compreender as interações entre a produção e a recepção. As mediações estruturam, organizam e reorganizam a percepção da realidade em que está inserido o receptor, tendo poder também para valorizar implícita ou explicitamente esta realidade. Por essa razão, a atenção concentra-se nos movimentos, nas dinâmicas daí que a pesquisa sobre os usos nos obriga, então, a deslocar-se do espaço dos meios ao lugar em que se produz sentido. (Martín-Barbero apud Escosteguy e Jacks, 2005, p.67)

Entro em sintonia com Martín-Barbero quando proponho que o Movimento dos Atingidos por Barragens seja uma categoria mediadora da recepção. Isso é fundamental para minha investigação, pois a partir dela consigo compreender o grau de influência que o movimento exerce na representação que eles constroem na recepção midiática.

A pesquisa de recepção com elementos mediadores é a ênfase também do estudo de Guillermo Orozco Gómez¹⁴, ele trabalha com crianças mexicanas, com a mediação da escola e da família. As mediações múltiplas têm a intenção de levar a teorização ao nível empírico, facilitando a investigação, já que ele se detém nos estudos das micro-relações sociais. O modelo de mediações múltiplas refere-se ao esforço de entender

por una parte, que hacen los miembros dela audiéncia com los medios de información y sus mensajes com los que interactúan y, por outra, al papel que juegan la cultura y las instituciones sociales en la mediación de los procesos de recepción. (Orozco Gómez apud Ronsini, 1993, p.18)

Dentro do modelo de mediações múltiplas, Orozco Gómez elenca as cinco possibilidades de mediações: mediações individuais, mediações institucionais, mediações massmediáticas, mediações situacionais e mediações de referência. O seu conceito de comunidade de interpretação é, em síntese, o modelo das mediações

¹⁴ Guillermo Orozco Gómez é um pesquisador da Universidad Iberoamericana, no México. Uma universidade de expressão nos estudos culturais latino-americanos.



múltiplas. Estas mediações são as que estão e se põem em jogo na relação meios de comunicação – audiência.

Assim como a mídia tem seus próprios recursos para influenciar a audiência e fazer com que ela consuma seus significados, o Movimento dos Atingidos por Barragens também contam com diversos instrumentos. As audiências são ativas, mas, sobretudo criativas, produzem significado em sua interação social. Os limites dessa produção não são dados só por razões individuais, eles são dados em um cenário sócio-cultural específico, conforme expressa com clareza Orozco Gómes.

O cenário sócio-cultural específico, do que fala Orozco Gómes, ou seja, a região de abrangência da UHE Barra Grande é propícia para um estudo como este. No âmbito do popular se revelam vários elementos que colocaremos em cheque para expressar o sentido que atribuem à recepção do rádio. No entanto, o movimento representa as emissoras como aliadas e legitimadoras das empresas construtoras e faz a mediação do processo de recepção midiática por parte dos integrantes da organização colocando a todo momento a sua condição de classe subalterna em oposição à classe dominante, da qual fazem parte os veículos de comunicação de massa e as empresas construtoras de barragens.

Considerações finais

Consideremos que pelo fato deste trabalho estar em vias de desenvolvimento, não chegamos a conclusões a partir de dados empíricos, mesmo assim os elementos teóricos já nos dão luzes da abordagem que faremos no cenário sócio-cultural.

Com o acúmulo que temos até agora dizemos com segurança que os sujeitos que fazem parte do MAB compõe a classe subalterna, conforme Canclini, “usada para sublinhar a oposição da cultura popular à cultura hegemônica, onde a subalternidade está historicamente diferenciada, por um lado como estado sócio-econômico que a sufoca, e, por outro, como consciência de classe que a suscita”. As condições de moradia, de trabalho e renda confirmam essa situação de classe, e de fato, a participação no movimento social, suscita sua consciência de classe.

Outro fato que percebemos é que esse poder de organização que as pessoas envolvidas dispõem, bate diretamente com o poder econômico do consórcio Baesa, onde ambos disputam o poder simbólico e econômico. Ser a referência nas comunidades, entre as pessoas, é muito importante tanto para o MAB como para a



Baesa. O rádio está no centro dessa disputa pela hegemonia. Aliás, o rádio é o veículo por excelência para a disputa local pela hegemonia. É ali onde se confrontam diretamente lideranças e diretores, é por ali que primeiramente se noticia os embates entre os camponeses e a polícia, é ali onde o consórcio investe grandes cifras em propagandas.

Por fim, vale destacar que os cenários tecidos pelo popular e pelos movimentos sociais são propícios para um estudo de recepção que tem em vista identificar a essência da cultura de um povo que resiste e luta para continuar sendo camponês, sob o viés da luta de classe.

Bibliografia

BERGER, Christa. *Campos em confronto: a terra e o texto*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz & Terra, 1999.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Cartografia dos estudos culturais. Uma versão latino-americana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FUENTES, André Gunder; FUENTES, Marta. *Dez teses acerca dos movimentos sociais*. Lua Nova, Revista de Cultura e Política, n° 17, junho de 1989.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

HALL, Stuart. *Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

JACKS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Comunicação e Recepção*. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios às Mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

RONSINI, Veneza M. *Cotidiano rural e recepção da televisão: o caso de Três Barras*. 1993. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo.